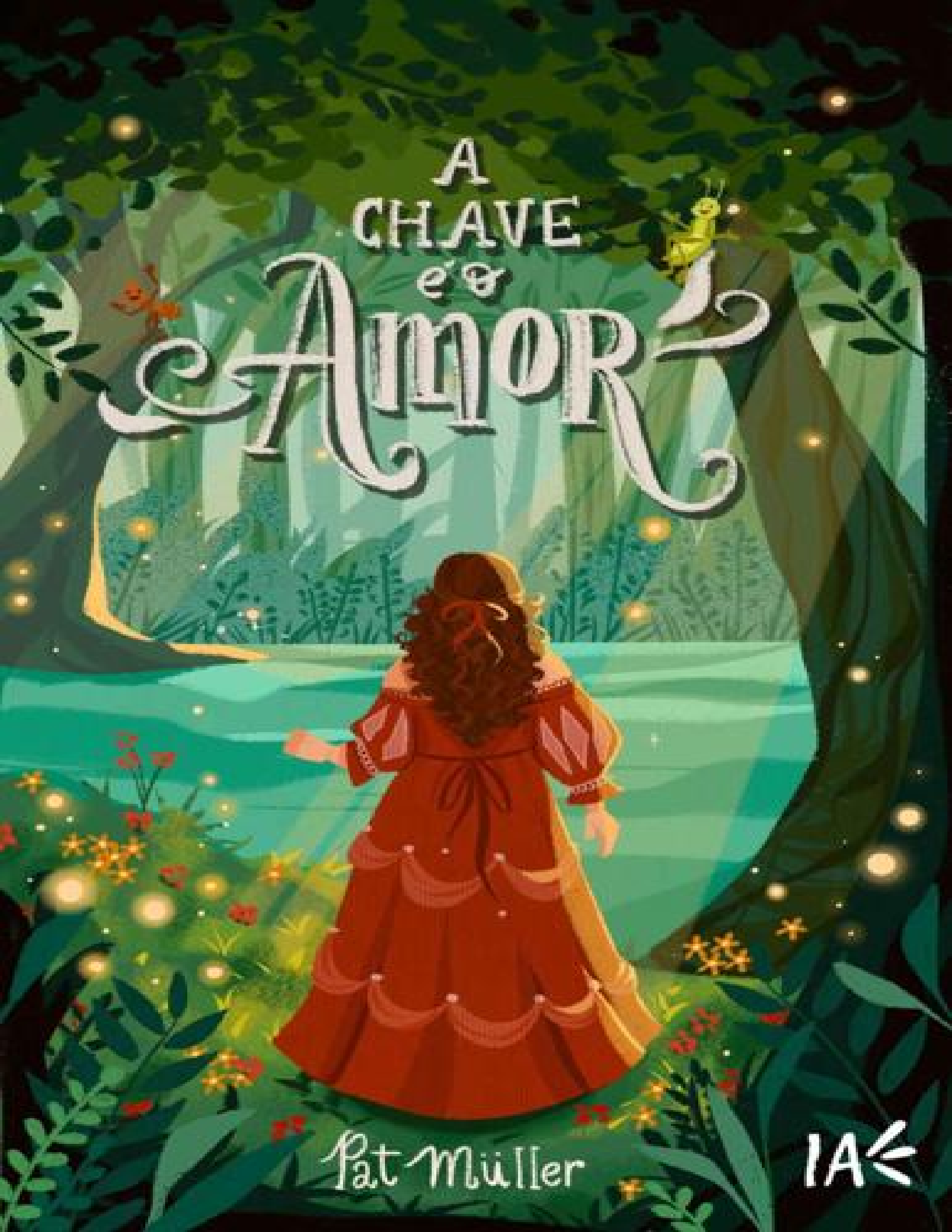
A CHAVE E O AMOR
Pat Müller
IA

A CHAVE É O Amor

PAT MÜLLER



IA

Copyright © 2022 por Pat Müller

Revisão: Isadora Bersot
Leitura beta: Maria S. Araújo, Gabriela Fernades e Priscilla Rocha Chaves
Capa: Fernanda Carvalho
Apoio: Inverso ao Avesso

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO
ALL RIGHTS RESERVED

No portion of this book may be reproduced in any form without permission from the publisher. For permissions contact: travessadodevaneio@gmail.com

É expressamente proibida a reprodução, total ou parcial, ou qualquer tipo de impressão sem prévia autorização da autora deste conto. Abre-se exceção para citações breves para resenhas e avaliações. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Esta é uma obra de ficção, com finalidade única e exclusiva de entreter. A história aqui contada carrega consigo traços de outras histórias, a saber: Cinderela, O príncipe sapo, A cigarra e a formiga e O filho pródigo.

No amor não há medo antes o perfeito amor lança fora o medo; porque o medo envolve castigo; e quem tem medo não está aperfeiçoado no amor.
João 4:18

Dedico a Jesus, aos meus pais e
aos leitores que me acompanham.

Inverso ao Avesso

O Núcleo Inverso ao Avesso é focado em compartilhar conteúdos que ajudem pessoas a serem transformadas através da Bíblia. Para isso, produz arte e capacita artistas para criarem com o mesmo propósito.

Prefácio

Viver o certo na hora errada proporciona muitas experiências indesejadas. No livro bíblico de Cantares, Salomão faz um alerta para que não despertemos o amor antes do tempo. Quantas vezes vivemos uma experiência simplesmente por cedermos à pressão? Isso pode se manifestar interna ou externamente, como numa ansiedade, no sentimento de medo, na angústia, em atos de inveja ou na carência. Seja qual for o motivo, quando não é a hora, nada pode mudar isso — as consequências de não seguir o conselho do filho de Davi tendem a ser muito dolorosas. Contudo, mesmo que isso aconteça, Deus pode fazer novas todas as coisas.

Louvo ao Senhor por não nos entregar às nossas paixões levianas. Nosso coração enganoso tende a confundir príncipe com sapo e sapo com príncipe. E quem visitou a mente de Deus para saber a hora e o momento exato para vivermos o que tanto desejamos? Por isso, é preciso cuidado, sabedoria e discernimento para não sermos enganados facilmente.

Tenho certeza de que você, caro(a) leitor(a), não iria se aventurar em uma história como “A chave é o amor” se lá no fundo, bem no fundo, não acalentasse o desejo de viver um grande romance, daqueles de tirar o fôlego, bem hollywoodiano. Assim como você, também sonho com isso, mas mantenho o seguinte em minha mente: embora a ideia de viver um romance terreno seja bem interessante, uma linda e perfeita história de amor já foi traçada e envolve tanto a mim quanto a você.

Somos plena e imensamente amados(as) por nosso Pai eterno, que nos ensina sobre o que deve ser a base desse tipo de relação: o verdadeiro amor é pautado em compromisso, dedicação e sacrifício! É uma decisão. Deus nos amou, por isso entregou Seu próprio Filho em nosso lugar. O castigo que estava sobre nós caiu sobre Ele, que assumiu a nossa culpa. O verdadeiro amor perdoa e protege.

Meu desejo é que nenhum de nós se contente em ser pouco nem em querer pouco, no sentido de aceitar o que vier pela frente apenas para lidar,

momentaneamente, com os enganos do nosso coração. No Senhor temos todas as nossas necessidades supridas. Nem mesmo aquilo que se acrescenta em nossa jornada com propósitos eternos tem esse papel — já somos completos por causa da presença dEle em nós.

A Pat tece lindos textos que nos lembram de outro fragmento de Salomão, agora em Eclesiastes: há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu. Espero que esta leitura aqueça seu coração e o ajude a refletir. Para mim, serviu como um acalento e me fez pensar no simples fato de que Deus sempre está nos chamando para perto.

Débora Lobo
Coordenadora do Inverso ao Avesso

Prólogo

Ana Lúcia se jogou na cama, afundando a cara na maciez do linho branco e das penas de pato. Ficou um tempo assim, até os pulmões recobrarem um pouco mais de oxigênio. Girou o corpo com dificuldade por conta do pesado vestido que usara na cerimônia de casamento de uma prima.

Suspirou.

Se ela fosse obrigada a aguentar mais uma festa de casamento, daria entrada em um manicômio. De forma voluntária.

— Ah! — sentou-se na cama, ao mesmo tempo em que o grito escapava de sua garganta. — Deus! Até quando vou continuar desse jeito? Será que não tem ninguém nesse mundo que se interesse por mim?

Fez beiço, ajeitando uma mecha teimosa do cabelo cacheado atrás da orelha.

— Olhe para mim! — pôs-se de pé e caminhou na direção do espelho, alisou o vestido prendendo a respiração. — O que há de errado? Sei que não sou a moça mais linda desse condado, mas francamente! Nenhum cavalheiro decente nunca se deu ao trabalho de olhar para mim.

Ao mesmo tempo em que as palavras saíam atropeladas de sua boca, revelando as profundezas de seu coração, algo maior começou a corroer as bordas de seus pensamentos. Primeiro, ela olhou um pouco mais a sua imagem refletida no espelho, mas depois a consciência e o arrependimento a tomaram de espanto.

— Ah! Olha só para mim. A ingratidão e a ansiedade roubando o trono do meu coração… Mais uma vez — deixou os joelhos alcançarem o chão e inclinou a cabeça para a frente. — Perdão, Senhor… — orou baixinho. — Perdão por dar ouvidos à ansiedade e por permitir que meus pensamentos se perdessem nas águas da ingratidão. Entrego mais uma vez a minha vida em Tuas mãos, cuide do meu futuro. Se nele há um príncipe… Bom, nem precisa ser exatamente um príncipe, desde que não seja somente

o cavalo — riu baixinho da própria piada. — Se nos Teus planos há um casamento para mim, me conduza nesse caminho em paz e alegria. Amém.

A garota estava tão absorta em seu momento de oração que não percebeu a presença de duas figurinhas distintas que a expiavam da enorme janela.

— Oras, dona Formiga! — Cigarra pôs as mãos na cabeça. — Você realmente acha que essa garota pode ajudar?

— Tenho certeza, cara Cigarra! — virou de costas e seguiu por um galho que encostava no parapeito da janela.

— Mas ela nem é tão bonita quanto a Encantada e nem chega aos pés da Branca de Neve! Talvez fosse melhor se acordássemos a Bela Adormecida! Talvez tenhamos que tirá-la à força do cochi… — Cigarra gesticulava com as longas articulações.

— Ouça! — Formiga parou sem aviso, interrompendo Cigarra e fazendo com que trombassem uma na outra. — Ela é perfeita e é muito bonita — prosseguiu, ao perceber a cara de incredulidade de Cigarra. — Esses conceitos de beleza são muito relativos e ultrapassados. Tenho absoluta certeza de que Francis vai amar essa garota.

— Você está totalmente equivocada, querida Formiga! Falta algo nela, eu diria que talvez seja nobreza ou um pouco mais de teatralidade, não sei… Ela é um tanto *sem graça*, sabe? — Cigarra falou, curvando a cabeça para o lado e torcendo a boca.

Formiga permitiu que um sorriso confiante escapasse dos lábios finos.

— Espere e verás… O coração dela é tão puro e inocente que somente alguém assim seria capaz de amá-lo a ponto de quebrar qualquer maldição das trevas. Ela tem a Palavra de vida que precisamos para o nosso jovem Francis — os olhos de Formiga pareciam estar contemplando algo muito além do caule da árvore em sua frente.

— Olha, não vou discutir com você — Cigarra levantou as perninhas dianteiras no ar e dobrou as articulações, se rendendo.

— Bem melhor! Agora vamos, temos um longo trabalho pela frente. Precisamos promover um encontro entre Francis e Ana Lúcia — Formiga retomou os passos apressados. — Vai ser épico!

Cigarra deu uma última olhada na direção da janela, onde a jovem Ana Lúcia estava, agora, cantando uma música bonita e deslizando pelo

quarto com alegria. Cigarra sentiu um arrepio percorrer o seu pequeno corpo. Talvez Formiga estivesse certa. Isso não facilitava o processo, mas ao menos dava esperança.

— Hei, me espera! Vamos voando — Cigarra gritou para Formiga.

Assim que Cigarra alcançou Formiga, as duas seguiram apressadas para um lugar conhecido. Ambas teriam muito trabalho pela frente.

Capítulo 1

Sinos dourados batiam um no outro, ecoando por todo o salão. Portas brancas adornadas com detalhes de ouro abriram-se, e o primeiro passo fez com que seu coração se agitasse no peito. Olhou para as mãos e o buquê parecia tremer de tanta emoção. Deu um passo e mais um, e mais outro, e logo estava próxima o suficiente para ver o rosto do seu amado. Ele girou o corpo para ela devagar. As feições estavam embaralhadas, mas quando ele estendeu a mão para ela, algo estranho aconteceu.

— Croac, croac — o homem com a mão estendida para ela estava… coaxando? — Croac! — coaxando cada vez mais alto.

— Acorde! Sua irmã está aqui e deseja te ver — uma voz conhecida reverberava do outro lado da porta do quarto de Ana Lúcia.

A mão sob o coração ainda tremia, em virtude do sonho que acabara de ter, mas aos poucos a realidade ao redor foi absorvendo-a, e bastou mais uma batida na porta para que seus pensamentos se reorganizassem.

— Já vou, Antônia! — saltou da cama e caminhou em direção à porta, abrindo-a.

Antônia trabalhava para Ana Lúcia já fazia uns cinco anos, então a cena que recepcionou não a espantou de todo. No entanto, não evitou que ficasse furiosa com a atitude da jovem.

— A senhorita dormiu com a mesma roupa que foi à festa ontem? Oras, e ainda está de maquilagem! Como vamos fazer para consertar isso, minha querida? — Antônia levou a mão à testa e balançou a cabeça.

— Acalme-se, mulher! — Ana Lúcia deu seu melhor sorriso para a governanta e ficou de costas, para que ela abrisse os botões e as tiras do vestido. — Cheguei cansada ontem e não senti vontade alguma de me despir…

— Deixe-me adivinhar? — Antônia puxou com força uma das tiras, fazendo com que Ana se desequilibrasse. — Ficou triste por ter participado

de mais uma festa de casamento? — Antônia abriu o último botão do traje e conduziu Ana para trás de um biombo no canto do quarto.

— Exatamente — Ana soltou uma gargalhada e atirou a roupa por cima da divisória de taquara que a separava do restante do cômodo.

— Ah, querida Ana… — a mais velha disse com a voz exausta, enquanto alcançava um vestido vermelho dez vezes mais leve para Ana. — Tudo tem um tempo determinado.

Ana ficou em silêncio, vestindo apressada a roupa que a governanta escolhera para ela. Depois de uma certa luta com as tiras do vestido, saiu com as bochechas rosadas e os cabelos desgrenhados de trás do biombo.

— Eu sei, minha querida amiga. Mas é que às vezes fico um pouquinho ansiosa — Ana ergueu a mão e quase uniu o polegar com o indicador, em uma tentativa de ilustrar o quanto de ansiedade sentira.

Antônia a conduziu para uma cadeira e começou a escovar os cabelos da jovem, desfazendo os cachos e deixando as madeixas com um volume enorme.

— Ana, é natural que a ansiedade nos visite, mas agora acalme o seu coração.

— Ai! — Ana reclamou passando a mão na cabeça. — Olha, espero que esteja a caminho mesmo, para me salvar dessa tortura que é ter essa escova passando pelo meu cabelo.

— Não reclama que eu puxo mais — Antônia ameaçou.

— Tudo bem, tudo bem. Vai com calma — Ana sorriu e agradeceu mentalmente por mudarem de assunto. — Por que você me acordou e está toda apressada com a minha rotina matinal? Eu posso muito bem fazer isso tudo sozinha, não sou mais uma criança.

— Sei disso, mas é que sua irmã *já* está te esperando na sala — Antônia disse, com tranquilidade, repetindo a informação que a garota parecia ter ignorado.

— Minha irmã? Qual delas? — Ana se agitou na cadeira, mas Antônia a segurou firme, impedindo que levantasse.

— Ella e seu pequeno bebê — Antônia falou, com os olhos brilhando.

— Ah, por um segundo pensei que fosse Adriana — suspirou. — Não que eu não esteja feliz por Ella estar aqui, mas sinto falta da Adriana.

Depois das vãs tentativas de fazer o sapatinho de cristal entrar no próprio pé, incluindo uma pequena cirurgia caseira para remoção do dedão, Adriana mergulhara em profunda desolação e vergonha. Não sendo capaz de conviver com o sentimento de rejeição, decidira mudar drasticamente. Mesmo com os protestos da mãe e da irmã (até mesmo Ella tentou persuadi-la), mudou-se para outro reino e adquiriu um salão de costura. A mãe de Ana Lúcia partiu pouco tempo depois para morar com Adriana. Da última vez que tivera notícia das duas, ambas estavam encrencadas por tentar vender vestidos de seda falsa.

— Seja paciente, sua irmã precisa amadurecer. Isso leva tempo — Antônia disse, com sabedoria, puxando uma mecha do cabelo de Ana para trás.

— Parece que minha vida está toda dependendo da minha paciência. Esperar, esperar e esperar. Queria poder controlar o tempo, só por alguns minutos. — deixou os ombros caírem.

— Oh! Todos nós queremos isso! — Antônia riu da inocência da jovem.

As duas tinham uma significativa diferença de idade, mas tratavam-se como amigas. Era perceptível que Ana Lúcia conservava em seu interior as ideias e sonhos de uma criança. Talvez as perdas doloridas na infância e a juventude cheia de regras e pouca privacidade tenham feito com que agora, aos 24 anos de idade e morando sozinha, ela se permitisse ter um pouco de liberdade imaginativa. Mas que não questionassem sua força de vontade, pois ela sabia lutar pelo que desejava.

***

O restante do dia transcorreu de forma agradável. Na companhia doce e gentil de Ella, as horas pareciam flutuar silenciosas entre risos e xícaras de chá. Conversaram sobre novidades, dicas de leitura, fizeram comentários sobre os mais recentes modelos de vestidos e deixaram escapar sorrisos bobos na direção do berço, que abraçava a recém-nascida filha de Ella com o príncipe Henrique.

Quando o sol já estava se despedindo no horizonte, as duas puseram-se de pé e recolheram as xícaras e bules de chá, levando tudo para a cozinha.

— Esse chá estava fabuloso, minha irmã — Ella elogiou, depositando a xícara de porcelana na pilha de louças sujas.

— Obrigada, fico satisfeita que tenha gostado. É uma mistura de folhas que criei pensando em equilibrar doçura e energia. Acredito que alcancei o objetivo, já que nossa conversa se estendeu animada e doce pela tarde toda — Ana pegou a irmã pela mão e a conduziu de volta para a sala de visitas antes que ela tentasse lavar a louça suja.

— Desde quando você começou a cultivar diferentes tipos de chá? — Ella se rendeu e deixou-se ser conduzida por Ana.

— Não sei exatamente quando foi… Mas faz um bom tempo, acho que você ainda morava aqui e eu ainda era uma adolescente detestável — sorriu sem graça, sentando-se no sofá que ocupara a tarde toda.

— Esqueça aquela época! — Ella sentou-se ao lado de Ana. — Quando paro para pensar sobre tudo o que nos aconteceu, prefiro ter em mente que existia um plano maior que nós mesmas — a jovem senhora afagou o ombro da irmã e depois tocou o rosto dela, sorrindo. — Agora, olhe só para você, uma mulher digna, cheia de dons e muito corajosa!

— Corajosa? Eu? — Ana não conseguiu evitar que um riso escapasse, mas logo levou a mão à boca para evitar que o barulho acordasse a sobrinha.

— Sim! Desde que me mudei, você tem cuidado desta casa, da propriedade e dos animais com tanto esmero! E você mudou tanto. — Ella deixou a emoção chegar aos olhos e segurou a mão de Ana entre as suas.

— Pare com isso, estou ficando sem jeito — Ana sorriu, segurando forte a mão de Ella e fitando-a nos olhos.

As duas contemplaram o rosto uma da outra por um breve momento, antes de Ana retomar a fala.

— O que realmente me ajudou a mudar foi compreender que não passo de um grão de areia neste mundo e que minha arrogância não me levaria a lugar nenhum — suspirou. — Deus foi muito gentil comigo, permitindo que eu mudasse.

Lembrar-se dos velhos tempos não era o passatempo preferido de Ana Lúcia, mas estar na companhia de Ella tornava suas memórias frágeis… Bastava uma única palavra para que elas emergissem e pairassem julgadoras em sua frente. No entanto, Ana aprendera a administrar aqueles momentos e sabia dos erros que havia cometido; orava para que pudesse ser

uma irmã melhor para Ella e Adriana, espantando a sensação de julgamento.

Ao longe, o som de uma carruagem interrompeu a conversa de ambas, e a pequena criança que descansava no berço ao lado da mesa de chás despertou.

— Parece que ela sente quando o pai está chegando — Ella levantou-se, pegando a filha no colo.

Ana ajudou a irmã a preparar as bolsas e a presenteou com uma latinha cheia de folhas de chá e um pequeno pedaço de tecido branco, onde anotara as instruções para o preparo. As duas caminharam abraçadas para a saída da casa, com o bebê agitado no cesto que Ella carregava.

Chegaram ao *hall* de entrada a tempo de ver a porta da carruagem real se abrir e o príncipe descer. Bastou seus pés tocarem o chão para seus olhos procurarem apressados pelo rosto de sua amada. Ana os observava em silêncio, desejando no fundo de seu coração que algum dia pudesse viver um amor assim: mágico e único.

Capítulo 2

Francis estava encharcado até o joelho. De novo. Começou a caminhar, e suas botas molhadas faziam um barulho engraçado. Quando estava quase saindo do lago, tropeçou e deu de cara no chão.

— Mas que beleza! — ficou de pé e ajeitou o cabelo castanho e liso que caíra em seus olhos, chutando uma pedra em seguida, o que só piorou a situação, fazendo com que seu dedinho do pé inchasse no mesmo instante.

De longe, Formiga e Cigarra o observavam pulando em um pé só e praguejando.

— Acho que hoje não é um bom dia para expormos nosso plano para ele — Cigarra encolheu-se ao lado da amiga e estremeceu.

— Deixe ele se acalmar… Você sabe que alguns dias são mais difíceis. Ele precisa de espaço. Vamos — Formiga começou a cortar uma folha de amoreira que estava no caminho.

— Vamos para onde? — Cigarra, toda atrapalhada, observava a amiga agir com destreza.

— Nos precaver! Precisamos de mantimentos para o inverno que está próximo. Preciso ajudar meus irmãos, e você pode fazer o mesmo. Onde pretende conseguir alimento quando as temperaturas baixarem? — Formiga estremeceu ao lembrar-se de um inverno em que decidiu explorar o mundo frio e quase virou um bloco de gelo; não fosse sua família a socorrê-la, nem estaria viva para contar essa lastimável e gelada história. — Vamos, sua preguiçosa! Perdemos um tempo precioso buscando ajuda para o príncipe, agora estamos atrasadas e teremos que trabalhar na madrugada.

— Oras, aqui temos uma formiguinha que enxerga o mundo apenas pelas suas lentes — Cigarra balançou a cabeça em desaprovação.

— O que você quer dizer com isso? — Formiga até parou o trabalho, pousando as mãos na cintura fina.

— O que quero dizer é que você acredita que todo mundo deve ser igual a você — Cigarra torceu a boca e deu de ombros.

— Quando eu disse isso? Só quero o seu bem! Vamos trabalhar para garantir nosso sustento nos dias frios, quando não tiver nenhum alimento disponível — pendeu a cabeça para o lado, sem entender o que Cigarra queria dizer.

— Obrigada por se preocupar comigo, mas somos diferentes. Meu trabalho não envolve colher folhas e pequenos frutos.

— E vai viver do quê? Nem pense em aparecer na minha casa implorando por comida — Formiga a interrompeu, exasperada.

— Não pretendo mesmo — Cigarra pulou para um galho próximo, onde guardava seu pequeno violão. — Vou compor músicas para quando os dias frios chegarem. Assim, vou aquecer o coração daqueles que me ouvirem e, como todo trabalhador, serei digna do meu salário.

Formiga ficou sem reação, apenas observou a amiga dedilhando as cordas do instrumento.

— Sabe, Formiga, meu trabalho é tão digno quanto o seu. Não precisa se preocupar comigo — piscou na direção da amiga, que retomou o serviço, sem saber o que pensar.

***

Algumas horas depois, quando o dia estava quase clareando, ambas se reencontraram. O jovem Francis estava sentado no galho de uma árvore alta, observando a lua despedindo-se de seu posto e fazendo pedidos às últimas estrelas cadentes da noite.

— Você acha que agora é uma boa hora? — Cigarra perguntou para Formiga, que já ia subindo a árvore.

— Sim, apresse-se! Não temos tempo a perder. *Logo o dia amanhecerá e nosso estimado Francis para o lago deverá voltar* — Formiga parou — Você pode usar essa rima para suas canções, o que acha?

— Eu *acho* que você é doida e estou tentando entender por que ainda me envolvo nessa história toda.

— Porque você tem um bom coração e acredita no amor, mesmo que não admita — Formiga virou para trás e deu uma piscadela para Cigarra, que revirou os olhos, mas no fundo sentiu um calorzinho no peito que não soube explicar.

— Príncipe Francis! — Formiga chegou bem perto do ouvido do jovem para que ele a ouvisse.

— Olá, amiguinha! Veja quantas estrelas caindo do céu nesta noite, e nenhuma delas está disposta a ouvir meu pedido… Por que será que ninguém me atende? — seus olhos negros refletiam um céu opaco, e suas olheiras profundas denunciavam a falta da cama macia do castelo, que há muito tempo não desfrutava. — Não aguento mais! Toda manhã é a mesma coisa… — tirou os olhos do céu e focou sua atenção no lago. — Escravizado por meu próprio medo e pelas lembranças de meu passado que me impedem de retornar. Oh! Essa saudade já não cabe em meu peito. Por que briguei com o meu amado pai? Por que o insultei clamando por minha herança e saindo de minha casa, onde tinha tudo?

— Príncipe, acalme-se! Nossas escolhas geram frutos, infelizmente — Formiga o consolou dando batidinhas imperceptíveis no ombro do rapaz, enquanto Cigarra balançava a cabeça, concordando.

— Sim, eu entendo o que você diz. A culpa é minha por aquela velha bruxa ter roubado todos os meus pertences e ainda ter me aprisionado nessa maldição que é me tornar um nojento e asqueroso sapo toda manhã. Eu que não valorizei tudo o que tinha. — Passou as mãos pelo rosto.

Formiga e Cigarra trocaram olhares, e o príncipe continuou com sua lamentação:

— Que feitiçaria terrível, vinda das trevas e que me assombra, impedindo que eu descanse. Você sabe, pequena Formiga, que já tentei sair deste lugar, mas basta que o sol aponte no horizonte que eu torno a ser pegajoso e nojento aos olhos de qualquer pessoa — o príncipe desabafou essas palavras, sentindo os ombros pesados. Ao menos seu coração agradecia pela companhia da pequena Formiga e também de Cigarra, que às vezes cantava lindas canções para ele.

Se não fosse por um *quase* trágico acontecimento, essa amizade peculiar nem existiria. Foi numa tarde ensolarada que o príncipe sapo, no auge de uma fome enlouquecedora, tentou comer a pobre Formiga. Se não fosse o aparecimento de Cigarra, Formiga estaria *mortinha*. No final, entre gritos de desespero e piedade, uma amizade esquisita surgira. Há coisas que são difíceis de explicar.

As duas criaturas trocaram olhares novamente. Cigarra curvou a cabeça em dúvida, mas Formiga manteve a postura ereta, limpando a

garganta e falando ao ouvido do jovem:

— Príncipe, Cigarra e eu encontramos a solução para o seu problema — despejou em um fôlego só, esperando que ele se animasse, mas o jovem meneou a cabeça de forma negativa.

— Não busque me animar com palavras soltas, minha querida amiga. Meu coração já não sabe o que é esperança — e tornou a olhar para o céu no exato instante em que uma estrela cadente cortava a imensidão.

— Eu avisei, sua teimosa — Cigarra já ia descendo do ombro do jovem quando Formiga segurou sua asa.

— Príncipe, podemos ao menos tentar ajudar você? Confie a nós a solução para o seu problema — Formiga endireitou a postura e levou a mão ao peito, como quem faz uma promessa.

— Pequeninas criaturinhas… — o príncipe sorriu — Que assim seja. Por sua lealdade e companheirismo, eu permito que me ajudem.

Mas em seu coração o príncipe duvidou. Afinal, ele mesmo tantas vezes tentara dar cabo da situação, mas nada o tirara do miserável destino. Fechou os olhos com força para evitar as lágrimas e lamentou o dia em que saíra de casa.

Capítulo 3

Dois anos antes.

— Estou esgotado! Já chega! — o rei gritou a plenos pulmões.

Os guardas do palácio estremeciam diante da agitação e trocavam olhares preocupados. Não eram nenhuma novidade as brigas entre pai e filho, mas nunca uma delas chegara tão longe. Era como se a última gota tivesse caído em um copo cheio de água, fazendo-o finalmente transbordar.

— Então me dê a minha carta de liberdade e a minha parte da herança! — Francis gritou em resposta e se questionou no mesmo instante se era uma boa ideia explodir assim com o próprio pai, sendo este um rei.

O homem mais velho arregalou os olhos. Passou a mão pelo rosto cansado, respirando fundo antes de tentar persuadir o filho.

— Você é um filho amado aqui, tanto por mim como pelo povo. Como pode ter uma atitude dessas e desejar abandonar o que lhe pertence de fato, o que é seu por direito, este lugar onde nada lhe falta? Absolutamente nada! — nesse instante, o rei despiu-se de sua posição e permitiu que lágrimas molhassem seu rosto, mas o coração de Francis estava endurecido.

— O seu discurso não funciona na prática. Sinto que não faço parte desse lugar. Nada do que faço é bom o suficiente e nenhuma das minhas sugestões é sequer considerada! O senhor só se importa com o meu irmão e com tudo que ele faz, me desprezando desde o dia em que nasci — Francis arremessou a capa real que trajava, a qual parou aos pés de um dos guardas.

— Isso é mentira, é no que você deseja acreditar. Seu coração está cego…

— O meu coração já entendeu tudo — Francis interrompeu o pai. — Nada do que você disser vai me fazer mudar de ideia. Eu quero sair daqui e

conhecer outros lugares. Dê-me minha parte da herança, e eu não o importunarei jamais.

Diante do silêncio sepulcral do pai, o filho retirou-se a passadas largas e barulhentas. O rei pôs-se a pensar. Aquelas discussões estavam acabando com sua saúde, e ele precisava de paz para governar seu povo. Ainda que amasse seu filho com todo o seu coração, era nítido que o jovem estava resoluto.

Depois de passar dias refletindo e considerando as opções, o rei chamou Francis e lhe entregou a parte da herança que era sua por direito, dizendo com a voz embargada:

— Se precisar voltar, não deixe que nada o impeça. Apenas volte, estarei esperando por você. Só espero que o mundo não o torne mais amargo do que já é. — o rei trajava sua capa vermelha, tinha olheiras fundas e carregava no peito a esperança de que o filho mudasse de ideia.

O príncipe, com os olhos fixos nos sacos de ouro, apenas disse:

— Não se preocupe, vossa alteza — curvou o corpo em um movimento exagerado —, neste lugar eu não colocarei meus pés nunca mais — pegou uma moeda nas mãos, observando-a com os olhos brilhantes.

Sem se despedir de forma adequada e sem pensar duas vezes, o príncipe partiu no mesmo dia.

Não demorou para que os encantos do mundo o atraíssem. Em cada vila, uma festa diferente. As mulheres lhe sorriam e entregavam copos cheios de bebida, os quais nunca recusava. Ao final de cada dia, os pés doloridos denunciavam as danças em demasia, mas ainda que estivesse cansado, nunca dormia sozinho. Recebia elogios por sua beleza e, por onde quer que passasse, fazia amigos com facilidade. Em seu coração, dizia:

— Pela primeira vez, as pessoas têm seus olhos voltados para mim, e não para o meu pai ou irmão — e estufava o peito, pagando outra rodada de bebidas para os mais novos amigos.

Francis viajou para muito longe de sua terra e, em um desses caminhos, encontrou uma bela mulher, tão bela que pela primeira vez sentiu-se disposto a dizer não para todas as outras pretendentes. Os olhos claros, os cabelos lisos e negros alcançando a cintura e o vestido preto moldando o corpo fizeram o coração de Francis saltar no peito. Sentimentos estranhos ganharam vida em suas veias.

A mulher passou a acompanhá-lo em cada festa. Ela era incansável, e isso deixava Francis ainda mais apaixonado. Muitas foram as joias que comprou para receber em troca um pouco de atenção daquela mulher que mais parecia um anjo.

De fato, era um anjo. Mas das trevas.

Quando o ouro de Francis diminuiu pela metade, ela cansou-se de investir tempo nele. Conduziu-o para um lago, prometendo, enfim, entregar-se por completo. Com a água batendo nos pés, ela deu um último beijo nos lábios do jovem príncipe. Bastou um toque para que o feitiço fizesse efeito.

Francis pensou por um momento que aquela sensação fosse êxtase, a paixão pura traduzida em um contorcer de estômago e tonturas irreais. Nunca experimentara nada parecido, era como se pudesse flutuar sem sair do chão. Mas, de repente, abriu os olhos, e o mundo já não era mais o mesmo. A confusão o tomou, e, na tentativa de falar, um grunhido estranho saiu de sua boca. Fitava os pés de sua amada quando, estendendo a mão à frente do corpo, percebeu que algo estava muito errado.

— O que… *Croac*… aconteceu? — espantou-se novamente, levando a mão, agora pegajosa, à garganta.

A mulher soltou um riso debochado, ajuntando as moedas de ouro que haviam caído no chão durante a execução do feitiço. O príncipe olhou incrédulo para ela, desejando que tudo não passasse de um terrível pesadelo.

— O que você fez comigo, *croac*? — tentou andar, porém, na ânsia de dar um grande passo na direção da feiticeira, acabou saltando nos seus pés.

— Argh, que nojo! — ela chutou o príncipe sapo para longe, estremecendo o corpo.

O pobre anfíbio olhou com a visão turva para a mulher que tanto amou e desejou. Não era possível! Conforme o mundo voltava ao seu eixo, a imagem em sua frente parecia se distorcer cada vez mais. Aquela não era a distinta dama por quem seu coração ousou falhar algumas batidas, estava mais para uma velha abóbora esquecida na despensa. Sua pele caída do rosto e seus olhos negros como a noite eram encobertos por um volumoso e mal cuidado cabelo.

Francis gabava-se de sua fortuna aos quatro ventos, sem medir palavras ou escolher para quem entregar sua contabilidade. A feiticeira astuta fez bom uso da oportunidade que lhe caíra de bandeja. Seduziu o rapaz e o amaldiçoou, para que não conseguisse segui-la. A feiticeira vivia da ingenuidade, ou tolice, de jovens rapazes inexperientes.

Quantos sapos mais existiam por aí? Impossível contar.

Desde aquele fatídico beijo das trevas, todo dia era a mesma coisa: bastava que o sol surgisse no horizonte e pronto, Francis não era mais o belo príncipe másculo, e sim um não tão belo sapo, sem coroa, sem povo. Restava-lhe a lama e as águas turvas de um lago esquecido no meio da floresta.

Capítulo 4

Ana Lúcia estava estendendo as roupas recém-lavadas no varal. Os braços doíam devido ao esforço, mas ela precisava se distrair. Sempre encontrara no trabalho uma maneira de espantar os pensamentos para longe. Nos lábios, carregava uma canção de amor e tinha o coração cheio de esperança. O vento parecia cantar junto com ela, e as notas suaves de sua voz embalavam as flores do jardim, que pareciam dançar no ritmo da música:

Passos lentos e cansados em um deserto
Mas não ando só, não ando só
Carrego comigo, sempre por perto
Verdade, esperança, fé
E um amor que restaura
Me acolhe, me acalma
Cura as dores da alma
Não me deixa andar só, não ando só

— Ela canta muito bem! — Cigarra sussurrou para Formiga, que se segurava em suas asas, pousando no ombro de Ana Lúcia. — Olha só, estou arrepiada até a última articulação — disse, apontando o bracinho miúdo para Formiga, que endireitava o torso.

Ana Lúcia ainda cantarolava e balançava os lençóis no ar.

— Espero que seu plano dê certo, e não assuste ela, senão vamos virar insetos esmagados e jamais conseguiremos ajudar Francis… — Cigarra estremeceu, imaginando o que o futuro lhe reservava.

— Aquiete-se! — Formiga a repreendeu, quando Ana Lúcia parou de cantar e parecia procurar por alguém. — Ela ouviu o seu show — sussurrou.

— Coloque seu plano em ação, antes que seja tarde — Cigarra ordenou aos sussurros.

Formiga subiu pelo cabelo cacheado de Ana Lúcia, ficando bem próxima de seu ouvido. Limpou a garganta, fez uma prece silenciosa e engrossou a voz.

— Ana Lúcia, pode me ouvir?

A garota deixou o lençol branco cair no chão e olhou para todos os lados, mas não enxergou ninguém.

— Quem está aí? — procurou pelo dono daquela voz no quintal.

Se bem se lembrava, nenhum dos empregados estava em casa e o vizinho mais próximo estava a horas de cavalgada.

— Sou um bom amigo que veio entregar-lhe uma mensagem do seu amor — Formiga gesticulou como um entregador real faria.

Cigarra não aguentou e começou a rir, tapando a boca e abafando o som, mas ainda assim recebeu um olhar de repreensão de Formiga.

— Mas quanta tolice! Não tenho amor algum… Quem é você? — perguntou Ana, ainda procurando em todas as direções o responsável pela voz misteriosa.

— Você ainda não o conhece — Formiga voltou a falar com sua voz normal, mas, percebendo o erro, engrossou-a no meio da frase novamente. — Você deve me acompanhar, pois seu amado está sofrendo muito e precisa encontrá-la imediatamente.

— Só irei se você aparecer para mim — Ana Lúcia cruzou os braços. Só poderia ser o filho da Antônia fazendo graça com ela. Decidiu entrar na brincadeira para ver até onde a criatividade do menino a levaria e depois contaria tudo para a mãe dele, a fim de que ela tomasse as devidas providências.

Cigarra olhou para Formiga, que assentiu.

— Procure por um espelho — a pequena Formiga disse, por fim.

Ana Lúcia achou aquilo tudo muito esquisito… Por que ela precisava de um espelho? Mas a voz era real, não algo da sua cabeça, e sua curiosidade já estava atiçada. Fosse qual fosse a brincadeira, dirigiu-se até o quarto e pegou o espelho, sentando-se na cama.

— Pronto — disse em voz alta, sem esperar por uma resposta, afinal ninguém a seguira, e o filho de Antônia não conseguiria vê-la ali.

— Excelente — Formiga respondeu. — Agora, aproxime-o da sua orelha e verás quem está falando com você.

Ana Lúcia, atordoada, decidiu seguir os comandos.

— Ah… Orelha direita, senhorita — Cigarra comandou. A garota, sem perceber a diferença de voz, obedeceu.

— Só vejo cabelo e uma pequena formiga — exclamou, já se preparando para tirar o inseto.

— Pare! Sou eu, a formiga que está falando com você! — Formiga gritou desesperada quando viu a mão enorme de Ana Lúcia se aproximando. Ela parou no meio do caminho.

— O quê? — Ana saltou da cama, deixando o espelho cair no chão. Por um fio, ele não se espatifou em centenas de pedacinhos. — Preciso de tratamento! — gritou, levando a mão à testa, na vã tentativa de verificar se estava febril.

— Não será necessário, bela jovem. Sou real, tanto quanto você. Criatura do mesmo Deus. Ouça o que tenho a dizer… — nesse ponto, Formiga já abandonara a entonação que tanto praticara, dado o susto que acabara de levar.

Limpou a garganta e falou o mais alto que suas cordas vocais permitiam:

— No meio dessa floresta que circunda sua majestosa casa, existe um lindo lago onde pequenos peixes habitam e inúmeras borboletas voam sem responsabilidades — Formiga fez uma pausa, continuando com a voz carregada de ternura. — Nesse lugar encantado, muitos casais já fizeram juras de amor, e muitas histórias já foram contadas. Ouvindo e vendo tudo isso, eu aprendi que o amor verdadeiro pode ser capaz de nos libertar. Não há nada que se iguale ao amor — a pequena criatura suspirou. — Por isso venho até aqui neste dia — se Ana pudesse ver os olhos da formiga, veria urgência —, porque meu nobre amigo está preso em uma maldição e precisa do seu amor para encontrar o caminho da liberdade. Tenho certeza de que, quando ele conhecê-la, se apaixonará perdidamente e, com um beijo em seus lábios, vocês poderão selar uma união que durará além da sua geração — Formiga finalizou o discurso cansada pelo esforço vocal.

Ana Lúcia ficou em silêncio, parecia mastigar as palavras que acabara de ouvir. Pegou o espelho que repousava no chão e fitou seu reflexo, perdida em seus devaneios.

As duas pequenas criaturas começaram a ficar preocupadas com o silêncio da jovem. Depois de uma troca de olhares indagadores, Cigarra

aprumou as asinhas, dizendo:

— Vamos embora, Formiga! Ela não pode nos ajudar.

Formiga, que tentava respeitar o momento de reflexão da senhorita, ponderou por um momento e decidiu tentar mais uma vez. Afinal, elas chegaram até ali e Francis precisava de ajuda; era desesperador ver o sofrimento do rapaz em cada amanhecer.

— Ana Lúcia, o que me diz? — Formiga aproximou-se um pouco mais do ouvido dela, com o pequeno coração transbordando de expectativa.

A jovem pôs-se de pé e caminhou em direção ao armário, pegando as botas de cavalgada. Formiga e Cigarra, tomadas de surpresa pelo movimento repentino, agarraram com força uma mecha do cabelo de Ana, enquanto ela se movia rapidamente pelo quarto.

— Se tem uma coisa que eu sei — a garota começou a falar, calçando a velha bota de cavalgada — é que eu pedi para viver um amor único e mágico. Bem, acho que aqui está a minha oportunidade.

Capítulo 5

Francis estava sentado na parte verde de uma vitória-régia e observava o movimento cadenciado da água. O dia estava bonito, e ele ainda não tinha cruzado com suas amigas e fiéis companheiras. Estava precisando tanto conversar, mas não tinha ninguém por perto, nem mesmo uma borboleta. Se bem que essas já tinham sido sua refeição preferida antes de aprender a comer as folhas e preservar a vida dos pequenos seres ao seu redor. Provavelmente, ele era o primeiro sapo vegano da história dos anfíbios. Apesar de gostar do sabor das borboletas, aprendera desde muito cedo a não brincar com a comida, quem dirá conversar. Por isso, a escolha pelo veganismo facilitava sua vida.

O pensamento o transportou para o seu lar, em que a comida aparecia como mágica na enorme távola do salão principal: os mais diversos e suculentos tipos de carnes, saladas e grãos. Lembrou-se das piadas contadas à mesa, do riso exagerado do irmão e da seriedade constante do pai, mesmo quando todos se afogavam em gargalhadas. O que a mãe diria se soubesse onde o filho havia parado? Pelo menos ela já descansava nos braços de Deus e não precisava sofrer tamanho desgosto.

Um som interrompeu a quietude do local e as lembranças do sapo, que automaticamente avistou o ponto onde um galho seco acabara de ser quebrado. Seus olhos esbugalhados quase saltaram das órbitas e o coração doeu em seu peito ao reconhecer a figura austera que o havia amaldiçoado há muitas luas.

— Meu bom jovem… — a bruxa aproximou-se com um cavalheiro, provavelmente atraído para aquela parte da floresta por um de seus encantos. —Estava cavalgando por essa floresta, mas meu cavalo se assustou com algum bicho desprezível, acredito que era um sapo, e fugiu, derrubando-me. Agora, já não sei se sou capaz de continuar a viagem — a voz sedutora inundou os ouvidos do rapaz e até mesmo do sapo, que olhava boquiaberto para a cena que se desenrolava logo à sua frente.

O jovem observava a mulher com curiosidade. Ele ainda não estava convencido por completo se deveria a ajudar ou não, mas bastou a bruxa levantar a longa saia e mostrar a perna *ferida* para que ele descesse do cavalo.

— Permita-me ajudá-la, jovem senhora… — com uma reverência, curvou-se na frente dela.

— Oh! Senhorita, por favor — a bruxa ronronou, pousando a mão no ombro dele.

Algo estremeceu dentro de Francis, trazendo-o de volta à realidade. O sapo decidiu que precisava fazer alguma coisa e tirar aquele jovem de perto da bruxa. Pulou de forma desajeitada, esforçando-se ao máximo para chegar até onde os dois estavam. Quando se aproximou o suficiente, tentou gritar alto, mas acabou coaxando, espantando o cavalo, que saiu em disparada.

— Olhe, foi exatamente isso que aconteceu comigo! — a bruxa exclamou, com um brilho de ódio transpassando seus olhos.

— Esses sapos… — o jovem meneou a cabeça, e, antes que Francis pudesse fazer alguma coisa, a bruxa puxou seu rosto e o beijou.

Francis assistiu a transformação boquiaberto. A situação o pegou de surpresa, trazendo à memória sua própria tolice e aumentando sua dor emocional em vários níveis. Era como se ele assistisse a si mesmo sem ter a capacidade de agir.

— Olha só o que temos aqui! Dois camaradas… — a bruxa gargalhou com as mãos na barriga. — Querido Francis, achou mesmo que poderia salvar esse jovem idiota? — a aparência dela tornou a ser a de uma velha bruxa.

O recém-transformado sapo olhava embasbacado para a sua nova forma. Estava tão assustado que nem conseguiu expressar qualquer reação quando a bruxa o laçou com uma das mãos e o jogou no alforje sem muita cortesia.

— Eu poderia o deixar com você, para ter companhia — fez de conta que estava pensando —, mas não sou tão boa assim. Ainda mais depois do que você fez com o cavalo carregado de ouro! — dizendo isso, chutou Francis para longe, fazendo com que ele batesse fortemente em uma árvore.

Com os olhos semiabertos, ele ainda pôde ver quando a mulher saiu assoviando, chamando pelo cavalo. A dor em seu peito era tamanha que queria gritar, mas seus olhos pesavam e suas forças se esvaíam. O fim da batalha se aproximava, quem sabe era chegada a sua hora de descansar. Pela primeira vez, nas profundezas daquela floresta, um sapo chorou. Lembrou-se do velho pai, do abraço acolhedor do irmão e até dos pequenos amigos que nunca mais veria. Suspirou, e seu peito doeu; os olhos, por sua vez, aceitaram a escuridão.

Capítulo 6

Algumas horas depois, Ana Lúcia chegou ao lago. Mal teve tempo de descer do cavalo e já havia se encantado com o local, que era iluminado pela luz da tarde que entrava por uma claraboia. Flores exóticas eram beijadas por borboletas e abelhas, e o cheiro do lugar refrescava seus pulmões. Agora entendia porque a formiga havia dito que muitos jovens enamorados passavam por ali para compartilhar juras de amor. Era como se fosse um quadro mágico, uma obra de arte ao ar livre.

— Uau! — Ana Lúcia suspirou. — Esse lugar é incrível. Deus caprichou, hein!

— Receio que para o príncipe esse lugar seja enfadonho, úmido e amaldiçoado — a pequena Cigarra comentou.

— Não seja inconveniente! Nossa visitante tem razão, esse lugar é muito bonito, por isso moramos aqui — Formiga estufou o peito e admirou o local onde passara toda a sua vida. Era incrível como parecia ficar mais lindo a cada estação.

— Diga por você, que nasceu formiga e continua formiga… — Cigarra interrompeu a fala diante do olhar consternado da amiga. — O que foi?

— Ah… Nossa amiga precisa entender um pouco mais do caso — Formiga disse entre dentes.

Cigarra arregalou os olhos, tomando ciência da situação. Faltou contar um pequeno detalhe para a adorável jovem. Se ela não aceitasse as condições, tudo estaria perdido e a única esperança voaria para longe, tal qual uma semente de tipuana.

— Ah… — Cigarra deixou uma pretensa tosse escapar dos lábios — Onde será que Francis está? — e saiu voando pelo lago, em busca do amigo.

Ana Lúcia estava absorta em seus pensamentos, analisando se uma plantinha próxima de uma frondosa árvore era realmente um tipo de chá.

Gostaria de se aproximar, mas o corpinho de um sapo jazia imóvel e contorcido do lado, e ela não gostava muito de anfíbios, ainda mais depois daquele terrível pesadelo.

— Onde está Francis? Não o vejo no lago — Cigarra retornou sem encontrar vestígio algum do príncipe.

— Será que aconteceu alguma coisa? — Formiga levou a mão ao peito, sentindo o coração acelerar descompassado. — Querida Ana Lúcia, dê-nos o prazer de ouvir sua voz chamando por ele, já que é mais alta que a nossa.

Ana Lúcia, então, chamou pelo nome que Formiga recitou em seu ouvido. Não era possível negar que ele causara uma sensação em sua pele desde a primeira vez que ouvira os pequenos insetos falando, mas agora, com as consoantes e vogais saindo de seus lábios, parecia uma poesia em forma de nome que escapava de suas cordas vocais. Contudo, conforme ela chamava e não obtinha resposta, a fagulha ia se apagando, como uma brasa perdida no meio das cinzas de uma fogueira do dia anterior.

— Não vejo Francis em lugar nenhum — uma das pequenas criaturas falou.

A garota riu de si mesma. Que tolice! Era certo que estava ouvindo coisas. Lembrou-se da prima Malvina, que no ano passado tentou beijar um soldado à força com a desculpa de que uma *voz misteriosa* tinha dito para ela fazer isso. Se bem que poderia ser só desculpa da prima, mas de qualquer forma havia vestígios suficientes para chegar à conclusão de que ela precisava de ajuda, algum tratamento ou, quem sabe, a visita de um pastor.

— Bom, acho que não sou mais útil. Não tem nenhum homem por aqui esperando por mim… — ela riu mais uma vez, na esperança de esconder uma lágrima.

— Você está procurando pelo ser errado. — Formiga gritou antes que Cigarra pudesse interrompê-la, revelando o segredo. — Francis é um sapo que já foi homem.

Ana Lúcia deixou a cabeça cair de lado, olhando para o nada em sua frente. Era possível que tivesse ouvido corretamente? Ou seria mais uma peça da sua imaginação? O que Antônia diria quando ela contasse sobre sua pequena excursão atrás de vozes de insetos? Suas pernas ficaram fracas, e

ela se segurou no galho de uma árvore próxima. Já não sentia vontade de alimentar a imaginação. O diagnóstico não poderia ser outro: estava louca.

— Escute, Ana Lúcia… — Cigarra voou em sua frente. — Você disse que queria viver algo mágico, e aqui está. Francis foi enfeitiçado por um beijo… Nossa única esperança é que você o beije e o traga de volta à sua forma humana.

A jovem olhou para o inseto batendo as asinhas com dificuldade. Ela viu a pequena boca se mexer, as articulações gesticularem… Qual seria o nível de insanidade em que se encontrava?

— Estou louca! — afundou as mãos nos cabelos cacheados e riu alto mais uma vez.

— Não, você não está! — Formiga a picou com força.

— Ai! — Ana Lúcia levou a mão ao local avermelhado e por pouco não esmagou a formiga. — Por que você fez isso?

— Você acha que está louca, mas não está. É tudo real, e precisamos da sua ajuda, você é a nossa única esperança.

— Por que eu? Não sou a única jovem que poderia beijar um sapo! A filha do meu vizinho não serve? — ela ainda passava a mão no local da picada.

— Não. Precisa ser você. No dia em que desejei com todas as minhas forças encontrar ajuda para Francis, você apareceu… brilhando. Mas a luz não vinha de você, estava *em* você. Agora vamos, precisamos encontrá-lo — Formiga saltou para as costas de Cigarra.

Ana Lúcia respirou fundo. Esse dia ficaria marcado em sua história como o dia em que enlouquecera, ainda que o inseto dissesse o contrário. Mas tudo bem; se era para enlouquecer, que fosse com honra ao mérito. Nesse instante, um estalo mental a fez sobressaltar.

— Você disse que o príncipe virou um sapo? — perguntou, com o sangue se esvaindo de seu rosto.

— Sim — Formiga respondeu.

Ana Lúcia correu para a árvore em que observara as folhas de chá e ficou de joelhos ao lado da criatura esverdeada e pegajosa. Tomou-o entre as mãos e estendeu-o para Cigarra, que carregava Formiga em suas costas.

— Não! — Formiga gritou.

— Francis… — Cigarra pôs-se a chorar.

Ana Lúcia levou o sapo até os ouvidos e conseguiu ouvir uma, duas, três batidas do coração, mas tão fraquinhas que desconfiou se realmente as tinha escutado.

— Acho que ele ainda está vivo… — sussurrou para si mesma.

— Então — Formiga secou uma lágrima — ainda dá tempo, beije-o logo!

— Isso! Não vamos perder tempo… Beije Francis! — Cigarra pousou no ombro da garota, cansada de carregar o peso extra de sua amiga.

Ana Lúcia engoliu em seco.

— Be… beijar? — espremeu os lábios, e um arrepio percorreu sua espinha ao se lembrar do pesadelo que tivera dias antes.

Ela sempre acreditou que não existiam coincidências no mundo, mas seria aquele sonho um indicativo de que deveria fazer aquilo? Beijar um sapo asqueroso e aparentemente *morto*?

— Argh! — estendeu o sapo para longe.

— Ana Lúcia, não podemos perder tempo! Nós lhe imploramos, ele é nosso amigo. Já causou sofrimentos, mas aprendeu as lições necessárias. Nós acompanhamos as mudanças dele — Formiga olhou para Cigarra, que assentiu.

A garota aproximou o sapo devagar, olhando seu corpinho miúdo e fraco. Sentiu sua pele escorregadia e aproximou-o mais um pouco. Seu nariz tocou o topo da cabeça do animal. Ana fechou os olhos. *Senhor, perdão se estou fazendo algo errado*. E, sem pensar em mais nada, levou os lábios até o sapo e o beijou.

Assim que fez isso, abriu os olhos. Formiga e Cigarra seguraram-se uma na outra, observando atentamente o amigo. O pequeno sapo mexeu a cabeça e, com os olhos semicerrados, encarou a jovem em sua frente. Porém, no instante seguinte, fechou os olhos e seu corpo perdeu as forças.

— Oh! — Formiga abafou o espanto.

Ana Lúcia levou o corpinho imóvel até os ouvidos mais uma vez. Esperou alguns minutos e não escutou som algum. Devolveu o sapo para o chão e deixou uma lágrima ressentida cair. Já não acreditava em loucura, pois, quando seus olhos cruzaram com o do pequeno sapo, pôde ver ali algo que só se vê em olhares humanos, algo que não se pode explicar, apenas sentir.

As duas criaturinhas choravam copiosamente. Soluços ecoavam de suas pequenas gargantas. Outros seres da floresta foram aparecendo aos poucos. Borboletas receosas, gafanhotos curiosos, os irmãos de Formiga e uma prima de Cigarra. Ouviu-se o som de alguns peixes saltando na água, e outra criatura, que ninguém saberia dizer o nome, soltou um gemido sôfrego do fundo do lago. Pássaros cessaram seus voos alegres e esconderam suas pequenas cabeças embaixo de suas asas. Alguns mamíferos observavam a cena de longe, com o olhar perdido e ofuscado pela triste realidade que recaía sobre aquele ser gentil e verde.

Francis, sem perceber, ganhara amigos, os mais reais e fiéis de toda a sua existência. Nas noites em que se transformava em humano, sempre ajudava as criaturas por perto: um peixe preso nas raízes de uma planta, um ovo de passarinho caído de um ninho ou um filhote de onça perdido. O fato de ter se tornado vegano era comentado nos quatro cantos do lago.

Ana Lúcia observou o desenrolar da cena com surpresa e lágrimas nos olhos. Avistar uma onça a menos de vinte passos de distância era o motivo de seu coração estar acelerado, no entanto era nítido que ninguém ousaria dar um passo em busca de qualquer coisa que não fosse prestar sua homenagem a… um sapo. A garota olhou novamente para o corpinho miúdo esticado no chão. Os batimentos do seu coração se acalmaram, dando lugar a um aperto que fazia o ar faltar em seus pulmões.

Cigarra fungou um pouco e saiu voando. Formiga se aproximou do jovem sapo e, com a mãozinha cheia de calos de tanto cortar folhas, acariciou o rosto do amigo.

— Ele ainda está vivo — uma voz piou acima da cabeça deles —, mas receio não haver nada que possa ser feito.

Ana Lúcia procurou o dono da voz e encontrou uma coruja com grandes olhos amarelos observando-a.

— Não há nada mesmo? — questionou, ficando em pé e se aproximando daquela ave conhecida por sua sabedoria.

— Não, minha jovem — a coruja olhou para o outro lado. — E você deveria partir, logo esse momento terá seu encanto quebrado. A onça maior não come há cinco dias, se é que você me entende.

A garota levou a mão à boca e observou a coruja bater as asas e partir. Precisava ir embora, apesar do aperto em seu coração. Sentia muito

por todas aquelas criaturas e principalmente pelo sapo, que dava seus últimos suspiros.

Ainda perdida em seus pensamentos, assustou-se ao ouvir as primeiras notas de uma música tocada em um violão. Procurou até encontrar Cigarra dedilhando um instrumento tão pequeno que era incrível poder ouvir seu som alto e claro.

Fechou os olhos e espantou o medo, ficando de costas para os temíveis mamíferos. Sentia-se impelida a permanecer onde estava. Deixou a música alcançar seus ouvidos com liberdade, absorvendo cada nota. Conforme mergulhava naquela experiência, algo exigia sair de sua garganta, empurrando a voz, quase querendo gritar. Então, ela abriu sua boca e cantou uma velha canção há tempos esquecida, com cheiro de inocência e sabor de esperança:

Foi assim que tudo começou
Há muito tempo, tempo que passou
Um Rei Eterno se fez mortal
Andou como homem, se fez igual

Coisas incríveis os seus lábios disseram
Quão grandiosas eram!
Promessas de uma nova vida
Um novo lar, uma terra prometida

Ele fez a noite escura clarear
O mar agitado se acalmar
Falou do Seu amor
Promessas de um tempo sem dor

Esse Rei tão bondoso ainda nos chama
Com a voz mansa Ele clama
Desperta para a vida!
A morte já foi vencida

Ana Lúcia abriu os olhos, espantada com o que acabara de cantar. Há quanto tempo ouvira aqueles versos? Não saberia dizer, tampouco se

lembrava onde os havia escutado, mas a canção era natural, saía dela como se fizesse parte do seu ser. As criaturas olhavam para ela encantadas; algumas fungavam o mais silenciosamente possível, mas algo chamava ainda mais a atenção: o corpinho inerte do sapo parecia resplandecer.

— Continue a cantar! — Formiga agitou-se, pulando ao redor do sapo. — Vamos, continue!

Ana Lúcia olhou para Cigarra, que ainda dedilhava o violão. Fechou os olhos mais uma vez e deixou a música fluir.

Esse Rei tão bondoso ainda nos chama
Com a voz mansa Ele clama
Desperta para a vida!
A morte já foi vencida

Apesar de estar com os olhos fechados, o feixe de luz que brilhou sobre ela foi tão forte a ponto de fazê-la cambalear, dando um passo em falso para trás. Ela teria caído se não fossem as gentis mãos de alguém a segurando. A jovem ficou grata por um segundo, e como a luz ainda era forte demais, não conseguiu abrir os olhos. Assim que se lembrou de que era a única humana naquele lugar, soltou-se das mãos que a seguravam e viu. Em sua frente, um belo rapaz sorria com os olhos cheios de lágrimas. Os pequenos animais começaram a comemorar; Cigarra largou o violão e voou alto, dando cambalhotas no ar. A onça rugiu, fazendo o coração de Ana Lúcia acelerar mais uma vez.

— Francis! Francis! — a pequena Formiga pulava, quase invisível, aos pés do rapaz.

— Minha querida amiga! — o jovem abaixou-se e deixou o inseto subir em seu dedo, levando-o até seu ombro.

Aos poucos, a luz que ele irradiava foi se apagando, e a pele saudável em nada denunciava que aquele homem algum dia havia sido um sapo pegajoso e verde. Ana Lúcia olhou para o local onde o corpo do anfíbio esteve há apenas alguns segundos e não viu nada. Abriu a boca embasbacada; era mais real do que gostaria de admitir.

— A música da jovem Ana Lúcia fez você despertar dos mortos! — Formiga comemorou.

— Não foi a música — Francis sorriu, e o estômago de Ana Lúcia deu uma cambalhota.

— Como não? — Formiga coçou a cabeça. — Ela começou a cantar, logo você brilhou e *puf*! — Formiga bateu as mãos. — Você virou homem e ainda é dia, o que significa que a maldição foi quebrada.

— Sim, a maldição se foi. Eu posso sentir que não há mais nenhuma corrente me prendendo — Francis se aproximou de Ana Lúcia e pegou sua mão. — Cara jovem, eu lhe agradeço por cantar para mim.

— Bom, eu realmente não sei o que dizer, eu apenas senti vontade de cantar — o calor das mãos do príncipe eram a prova final de que acabara de presenciar um milagre.

— Quando você começou a cantar sobre esse Rei, meu coração se inquietou. Senti um calor estranho, uma necessidade urgente de ouvir o que cantava — ele fechou os olhos, tornando a abri-los segundos depois. — E então a letra disse que o Rei nos chama e que a morte já fora vencida. Eu quis acreditar, apesar de tantas vezes ter desejado o meu fim; nunca antes ansiei conhecer uma pessoa como agora. Você pode me levar até esse Rei?

Ana Lúcia não segurou as lágrimas. Deixou a alma transbordar diante daquelas criaturas e do príncipe que não era mais sapo. A sua fé acabara de ser testificada, e seu desejo era cantar e pular de alegria.

— Você tem um longo caminho pela frente, querido príncipe — ela disse, por fim.

— Vamos agora! — Francis soltou a mão da jovem e olhou para todas as criaturas. — Amigos, eu preciso ir. Meu coração está ardendo de alegria e curiosidade. Eu voltarei para visitar vocês — ele olhou com carinho para cada um que ali estava, depois depositou Formiga gentilmente no chão. — Obrigado por tudo.

— Ah… Francis, eu preciso te explicar muitas coisas — Ana Lúcia saiu no encalço do jovem.

— Explique no caminho — Francis disse, já subindo no cavalo e estendendo a mão para que ela subisse também. — Preciso agradecer a esse Rei. Ele me deu esperança e ouso dizer que me devolveu a vida.

— Sem dúvida — Ana Lúcia aceitou a mão dele e, com um impulso, subiu no cavalo. — Mas preste muita atenção no que vou lhe contar.

— Com essa voz tão doce, não será nenhum sacrifício ouvir o que você tem a dizer — o príncipe falou por cima do próprio ombro.

Ao seu comando, o cavalo saiu mansamente do lago. Todos os animais voltaram para suas rotinas, apenas Cigarra e Formiga procuraram o galho mais alto para observarem os dois seres humanos até os perder de vista.

— Então ele finalmente vai voltar para a família — Cigarra exclamou.

— Pois é… — Formiga fungou.

— Não chore, sua tola… Olha só, vai me fazer chorar também.

As duas se abraçaram. Sentiriam saudades do sapo falante e cheio de ideias, mas estavam felizes porque, afinal, o plano havia dado certo e o príncipe voltaria para o seu lugar. Tudo se encaixava, como uma chave em sua fechadura.

***

Não muito longe dali, no mesmo instante em que tudo se desenrolava no lago, a bruxa passava seus longos dedos nas moedas de ouro em uma cabana de aparência lastimável e assoviava uma canção sobre ajuntar tesouros. Estava distraída demais para notar a presença de um rapaz alto e musculoso no canto observando-a. Ele ponderou, analisando as opções e, por fim, decidido, saiu do casebre silenciosamente. Voltaria mais tarde acompanhado pela cavalaria.

Quanto mais rápido ele corria, mais longe a cabana e seus sons iam ficando, de modo que ele não ouviu o grito capaz de congelar a alma e tampouco os ruídos que se seguiram. Assim como ele sofreu a quebra do encanto, todos os outros semelhantes encontraram a liberdade da maldição. Infelizmente, alguns abriram mão dessa liberdade ao praticarem a vingança contra a bruxa.

Uma vingança nunca vem sozinha. Em um primeiro momento, pode enganar com o falso sentimento de justiça, mas aos poucos um veneno corrosivo apodrece a alma.

Epílogo

Algum tempo depois.

O som de galhos secos quebrando ecoava pelo lugar. Alguns raios de sol persistentes iluminavam o caminho cheio de espinhos, arbustos e pedras pontiagudas.

— Você tem certeza de que é por aqui? — Ana Lúcia perguntou, livrando-se de um galho próximo de seu nariz.

— Sim, estamos perto… — Francis parou de caminhar abruptamente, fazendo com que Ana Lúcia esbarrasse nele. — Ouça.

Os dois ficaram em silêncio. O som da floresta se misturava com a melodia suave e doce do que parecia ser uma flauta. Uma voz madura e aguda começou a cantar em seguida. Os dois seguiram aquele som, e a cada passo a letra ficava mais clara.

Em um lugar encantado
Cheio de sonhos e segredos
Vivia um jovem príncipe
que pensava não ser amado

Com os pés brilhantes
Saiu para comemorar
Prendeu-se cada vez mais
Em amarras difíceis de soltar

Em uma noite escura
Ouviu falsas juras de amor
Seu coração foi partido
E ele mergulhou em dor

Mas as densas nuvens de escuridão
Foram dissipadas
A verdadeira luz brilhou
Curando feridas, curando o coração

No meio do lago, em uma pedra despontando da água, uma formiga de bengala e uma cigarra dançante faziam um show para uma plateia atenta. As duas estavam tão absortas no momento que nem notaram os dois jovens se aproximando, ouvindo apenas suas palmas ao final da apresentação.

— Bravo! — Francis gritou.

— Muito lindo! — Ana Lúcia aplaudiu e sorriu para as duas pequenas criaturas.

— Francis! Ana! — Formiga comemorou, para logo em seguida tossir copiosamente.

— Já falei para ela parar com essa mania de erguer a voz — Cigarra repreendeu, dando tapinhas leves nas costas da amiga. — Vamos, eu te levo até eles.

Formiga idosa subiu nas costas de Cigarra, e juntas voaram para um galho que as permitia ficar na altura dos olhos dos visitantes.

— Como vocês estão passando? — o príncipe perguntou.

— O meu tempo se esvai por entre os dedos… — Formiga murmurou.

— Estou bem, cantando e compondo novas canções — Cigarra olhou para Formiga. — E sempre animando a minha amiguinha aqui; ela tem andado bem ranzinza.

— Me respeite, sua insolente! — Formiga levantou a bengala, mas logo se arrependeu, caindo de bunda no galho.

Francis a ajudou a ficar de pé novamente.

— O tempo passou muito rápido, não é mesmo? — ele sorriu gentil para a criatura.

— Eu sou a única viva dos meus irmãos. Nossa família… *cof*… *cof*… — levou a mão até a boca. — Perdão. Como ia dizendo, temos fama de longevas, no entanto acho que meu tempo vai se esgotando a cada segundo.

— Você está muito bem, já viveu mais que a média — Cigarra comentou com a mão no queixo, contemplativa.

— *Tsc, tsc, tsc*. Que terrível falar de mim dessa forma, como se eu fosse morrer a qualquer momento — Formiga balançou a cabeça.

— Não briguem, suas bobinhas. Viemos visitar vocês e trouxemos cacau da melhor qualidade — Ana Lúcia tirou do bolso uma barra de chocolate brilhante, partindo-a ao meio.

— Que dia de sorte! — Cigarra comemorou.

— E como vão as coisas com vocês? — Formiga perguntou, depois de experimentar um pedaço generoso do presente.

— Muito bem. Estamos aqui para fazer um convite… — Francis olhou para Ana Lúcia com os olhos brilhando de alegria.

— Finalmente vão se casar? — Cigarra bateu as asinhas diante da empolgação.

— Oras, você… — Ana Lúcia levou a mão à boca, escondendo o sorriso.

— É… Não é nada disso — Francis coçou a cabeça, com as bochechas incandescentes.

— Ah, sei… Vocês ainda não admitiram que gostam um do outro — Formiga bufou. — Que complicação! Depois de todo esse tempo, ainda estão se cortejando!

— Cortejando? Quê? — Francis olhou para o outro lado, evitando encarar Ana Lúcia.

— Andem logo com isso, vocês já estão envelhecendo. Olhem para mim. Ainda ontem cortava folhas de uma forma sem igual, hoje dependo de uma bengala, dos meus filhos e de uma cigarra insolente — balançou a cabeça envergonhada.

— Não seja rude com nossos amigos… — Cigarra interviu. — Mas então, se não é o casamento de vocês, o convite é para quê?

— Eu tomei uma decisão muito importante — Francis relaxou diante da oportunidade de mudar de assunto. — Já faz um tempo na verdade…

— Conta de uma vez! — Cigarra estremeceu.

— Certo — Francis juntou as mãos em frente ao corpo. — Preparadas? Eu vou dar meu próximo passo de fé, vou me batizar! E estava pensando em fazer isso aqui, no lago.

— Ah, entendi. Que legal, Francis. Uma decisão bem importante… — Formiga balançou a cabeça em um vai e vem monótono.

— Vocês não parecem muito surpresas e empolgadas — Ana Lúcia comentou.

— Não é isso. — Cigarra balançou as mãos no ar. — É que para vocês isso é bem importante, sabemos, porém, na nossa realidade… Bem, nós temos fôlego, e nossa confissão de fé é nossa existência — completou, com uma reverência discreta para o céu. — Mas tudo bem, isso é bastante importante para você mesmo. Fez uma ótima escolha.

— Sim, nos alegramos por você, querido príncipe — Formiga acrescentou.

— Estou muito feliz… Eu estava perdido e fui encontrado — a voz de Francis embargou. — Sempre me emociono ao lembrar.

Formiga e Cigarra compartilharam um sorriso.

— É lindo ver as coisas se ajeitando dessa forma — Formiga suspirou. — Quem diria que esse belo jovem de sorriso brilhante foi sapo um dia desses?

— Ninguém! — Cigarra gargalhou. — O que você acha, Ana Lúcia? Agora não seria muito complicado dar um beijo nele, não é mesmo?

— O quê? — Ana Lúcia sentiu suas bochechas incendiarem.

— Oras, não fique tímida. Você já o beijou uma vez — Cigarra voou em torno da garota. — Um beijo é coisa séria. Por que vocês não namoram? Afinal, depois de compartilharem algo tão significativo como um beijo, vocês deveriam assumir responsabilidades.

— Esses jovens de hoje em dia são uma vergonha para a humanidade… — Formiga meneou a cabeça em desaprovação.

— Espera aí. Você me beijou? — Francis arregalou os olhos na direção da ainda vermelha Ana Lúcia.

— Bom — ela fuzilou Cigarra com os olhos —, Formiga disse que havia esperança de você voltar a ser humano se eu te beijasse.

— E você aceitou beijar um sapo? — Francis fez uma careta.

— Poxa, eu estava tentando ajudar — Ana Lúcia virou-se de costas para os três, cruzando os braços.

— Ihhh… — Cigarra sussurrou, pousando no galho ao lado de Formiga.

— Ana — Francis deu um passo em direção a ela. — Desculpe.

— Ah, tudo bem — ela deu de ombros, mas, antes de se virar, enxugou uma lágrima.

— Você está chorando? — Francis a fez ficar de frente para ele e secou o rosto dela com o dorso da mão.

Os olhos dela ficaram mais brilhantes por conta das lágrimas insistentes, e suas bochechas ainda estavam rosadas; Francis não sabia dizer se por conta da caminhada ou da vergonha da recém-confissão. Ela não desviou o olhar dele, e ambos permaneceram assim até que um peixe pulou no lago.

— Desculpe, Ana. Você é cheia de surpresas. Beijou um sapo para fazer o bem. Isso me deixa constrangido… — Francis mordeu o lábio inferior. — E ao mesmo tempo fico chateado.

— Chateado? — Ana Lúcia arregalou as sobrancelhas. — Por quê?

— Por que eu não me lembro desse beijo — Francis deu um passo a mais na direção dela. — E eu adoraria lembrar.

— Oh — Ana Lúcia ficou sem palavras.

Francis aproximou-se ainda mais, preenchendo o espaço que havia entre eles.

— Só tem um jeito de resolver isso — ele ajeitou uma mecha do cabelo cacheado atrás da orelha e depois deslizou a mão pelo rosto dela, levantando o queixo em sua direção. — Posso?

Bastou um aceno confirmando para que os lábios de Francis encontrassem os de Ana Lúcia. Eles estavam parados no mesmo ponto em que há alguns meses um milagre acontecera.

— Finalmente! — Formiga levantou a bengala comemorando. — Você falou aquilo de propósito, não é mesmo?

— Com certeza, minha cara amiga. Nada é por acaso. Não se esqueça de que aprendi muitas coisas com você — Cigarra pegou o violão que descansava em um canto e dedilhou algumas notas. — Vamos cantar para eles?

— Vamos, me dá um dó — Formiga limpou a garganta.

Os dedos ágeis de uma cigarra tocando um violão, a voz aguda de uma formiga, um beijo de amor sincero e o pôr do sol iluminando a cena, tudo isso em um quadro nunca pintado, escondido nas profundezas misteriosas e secretas de uma floresta antiga.

Leia também

Memórias em Papel Timbrado



A vida agitada de São Paulo teve sua data de validade expirada assim que Paula completou dezoito anos de idade. Em posse de seus pertences e de uma convicção inabalável, a garota feita de sonhos se mudou para a pacata cidade de Ouro, no interior de Santa Catarina. No meio de vacas, camionetes atoladas na lama e plantações a perder de vista, Paula aprende na prática que há tempo para todas as coisas. Inclusive para o amor.

"Memórias em papel timbrado" fala sobre relacionamento com Deus, a importância da amizade e sobre a brevidade da vida. Tudo isso com um toque de humor e algumas doses de clichê.

Olívia e o Beijo em Cena



Um escândalo no governo, um primo do diretor e algumas fotos absurdas na internet são fatos que, separados, não significam nada para Olívia, mas juntos são capazes de virar do avesso o universo dessa garota, causando abalos sísmicos no coração e erupções de sentimentos até então adormecidos.

Aos quinze anos de idade, Olívia é um dos rostos mais conhecidos da televisão brasileira, isso graças a sua atuação na série “As estações do amor”, um sucesso sem precedentes.

Acontece que o novo diretor decidiu que está na hora de algumas mudanças, incluindo beijos em um antigo *crush*.

Oras, toda garota sonha com o primeiro beijo, ainda que não admita ou não tenha muito tempo livre para pensar sobre o assunto. Olívia não imaginava que esse momento mágico e rodeado de contos de fadas seria gravado, e pior, transmitido para todo o país em rede aberta.

Sobre a autora

Pat Müller nasceu em 1991 no interior de Santa Catarina. Leva sonhos nos bolsos, mil ideias na cabeça e acredita no Amor, pois teve um encontro com Ele.

Para ficar mais perto da autora, siga:
@travessadodevaneio no Instagram e TikTok

Curtiu a leitura? Deixe sua avaliação e indique o conto para um amigo.